

UM LIVRO UTIL



ENTRE os typos dignos de figurar na longa galeria que nos deixaram Balzac, Flaubet e Eça de Queiroz, ficaria bem o antigo professor de gorrinho e palmatoria. O professor de grammatica especialmente daria azo a uma das melhores cartas de Usback. Era de vel-o impertinente e bisonho, a cabeça abeberada de ideias obsoletas; de esperanças confuzas; de velleidades funambulescas; de *tinherabos, non tinherabos*; de ironia ancenubiada de bondade protectora; mas sobretudo de ironia; ironia malevola; ironia desde-nhosa; ironia...

A sua figura, era de fazer rir ás pedras. A cabeça raro desapercebida do gorro negro cairelado de compridos fios de cabellos brancos que se deixavam ver em derredor. Cabellos compridos... compensação, talvez mesmo complemento de suas ideias curtas, no sentido de restrictas ao que lhe ensinaram em pequeno e que nas mathematicas não passava da taboada, na grammatica, do Coruja ou algum mais rocóco, na literatura, do conego Pinheiro, na justiça da varinha de bambú ou da santa-luzia. No mais era um homem como qualquer, apenas derreado ás vezes pela velhice, condição indispensavel para merecer o titulo de professor. E' preciso não deixar em injusto oblivio, o par de oculos que lhe cingia o appendice nasal. Por vezes eram até dois pares, o que lhe dava um ar ainda mais ridiculo. Tambem impunha assim mais respeito. Donde decorre a grandissima influencia que exercem os oculos em nariz atucanado.

O gorrinho, a palmatoria, a vara de bambú, o *tinherabos*, os cabellos compridos, o nariz e os dois pares de oculos que lhe cingiam, não limitaram sua acção áquelle tempo. Ainda hoje permanecem resquícios dessa acção. E' a birra justificada que pelos grammaticos tomou toda a gente a começar, e é incrível, pelos intellectuaes. Actualmente o escriptor que quizer popularidade, é não se metter a escrever sobre cousas de grammatica. E quem ha por ahi por ahi que não ambicione popularidade?

Deve ser pois considerado acto de verdadeira abnegação, merecedor de francos applausos, o de um homem que se ponha a escrever sobre esses assumptos. Mesmo que as nossas opiniões estejam em dircordancia com as desse escriptor, o nosso dever é receber com agrado a esse attestado de merito.

E nesse caso, acha-se o professor Marques da Cruz, auctor de um livro recentemente publicado, ao qual intitului «Português Pratico». Trata-se de um homem que fez sua profissão a de ensinar a materia contida nesse livro. E' um entendido no assumpto. Estuda alli as questões mais transcendentas da lingua portugueza, desde o debatidissimo problema da collocação de pronomes até os «vícios de linguagem» de que poucos têm tratado entre nós. E' em summa o que se acha, resumido, no ti-

tulo do presente artigo: um livro de subida utilidade não só para os letrados como tambem para todos os que desejam escrever correctamente a lingua portugueza. A despeito disso ou, talvez, por por isso mesmo, não é difficil se encontrar no livro alguns senões.

Não dispensou um capitulo sobre a formação da lingua portugueza vasando-o de conformidade com o que traçou em sua Grammatica Expositoria o sr. Eduardo Carlos Pereira. Esse methodo, diga-se de passagem, é o mais arbitrario possivel. Para as palavras cuja origem é ignorada, basta collocar na lista das ibéricas ou phenicias. Um exemplo do quanto é arbitrario esse processo está na exemplificação das palavras africanas. São trez as palavras que cita para mostrar que a contribuição africana para o vocabulario brasileiro não foi pequena. São *batuque, catanga e sinhá*. Ora, não se póde affirmar de nenhuma delas que é de origem africana directa.

Batuque, para muitos, formou-se do radical de bater; *catanga*, origina-se, segundo entendidos, do tupi e *sinhá*, não ha quem ignore que se deriva do portuguez *senhora*. Adeante, entre os vocabulos persas colloca *túlipa*, palavra de origem bastante controvertivel.

Na collecção dos vícios de linguagem ha muitas palavras que só ficariam bem em um populario. Não ha quem, com certa instrucção, diga *phenómenos, ocê, mais melhor* e outras innumeradas palavras que o sr. Marques da Cruz colloca entre os vícios da linguagem, corrigindo pacherrentamente. E força é convir que o seu livro não foi feito para analphabetos. Ha alli phrases taes como esta: «Deve-se observar que *clinica* e *historia* são substantivos e que o indicativo presente *destes verbos* é: eu clinico, tu blinas, etc...» (pg. 128). Quaes são esses verbos?

No capitulo sobre correntes literarias contemporaneas o leitor arguto descobrirá, em barda, erros dessa laia.

Nem por isso o trabalho do sr. Marques da Cruz deve ser collocado entre os livros inuteis e pretenciosos que se vêm por ahi avontade. E' digno do apreço de todos os que desejam e crever com perfeição, o *meigo idioma* de Felinto Elysyio.

Póde-se dizer a proposito o que disse Taine a respeito do *Ciel et Terre* de J. Reynaud:

«A brevidade de nossos louvores como a extensão de nossas criticas é uma prova de nossa estima e de seu talento.»

Sergio Buarque de Hollanda.

S. Paulo, 6 de Setembro de 1920.

S. A. Cigana

15 de Setembro de 1920